

POR MEIO DA EDUCAÇÃO

Há uma nova história sendo escrita

AO COMPLETAR 60 ANOS, SENAI AMPLIA ATENDIMENTO NA ÁREA EDUCACIONAL E INICIA PROFISSIONALIZAÇÃO DE ÍNDIOS DE 65 ETNIAS DO AMAZONAS

ANA CELIA OSSAME

A educação é o braço forte da cidadania e, na área profissional, prepara o homem para o exercício pleno do trabalho, desenvolvendo não só habilidades, mas também o raciocínio crítico e criativo. Essa é a tese defendida pelo departamento regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) que, ao completar seis décadas de fundação no Brasil, amplia o atendimento na área educacional para mudar a história nas aldeias e comunidades de 65 etnias indígenas do Amazonas.



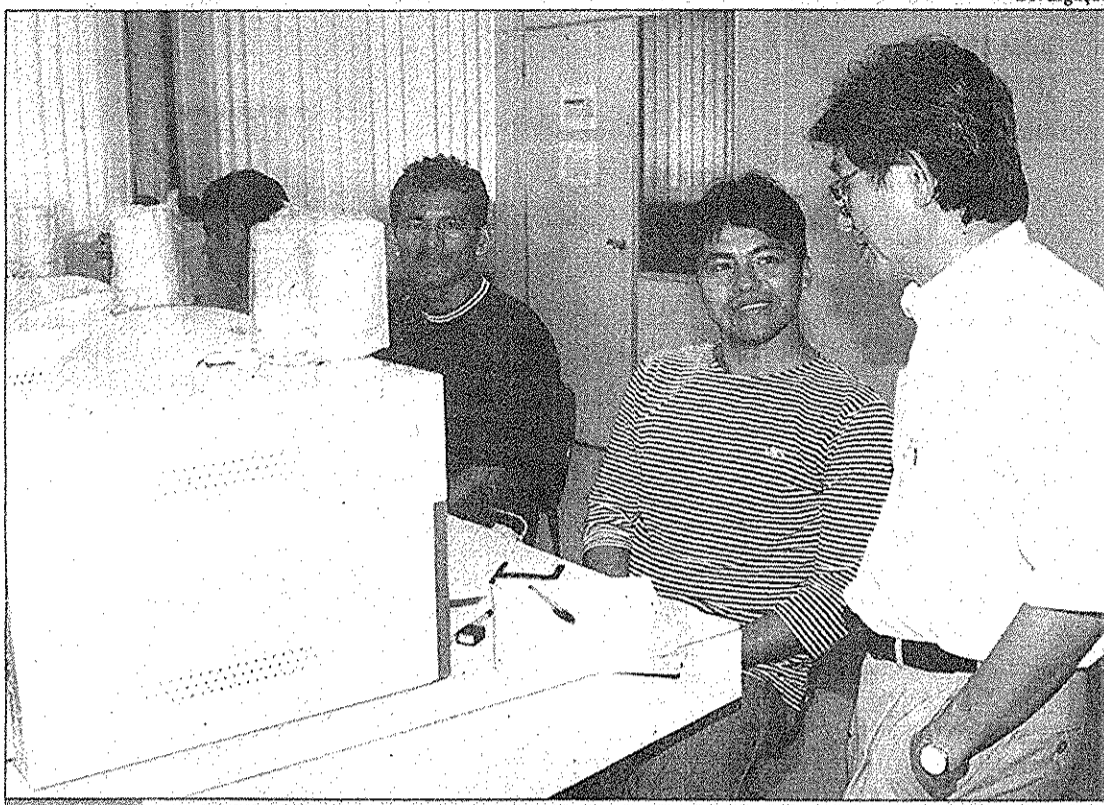
O cenário para essa revolução é o programa "Senai Solidário", que iniciou a profissionalização de 30 índios em cursos técnicos como informática, eletrônica, mecânica, telefonia e direção defensiva. Os estudantes das etnias ticuna, tucano, sateré, mundurucu, macuxi, baré e mura, entre outras, participam do curso, junto a estudantes de outras raças, com o compromisso de voltar às aldeias e servir como multiplicadores, num papel estratégico importante para atender às demandas dessas comunidades.

O passo inicial foi um convênio assinado em maio passado com a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), entidade que representa mais de 200 mil índios de 165 povos da Amazônia brasileira. O diretor regional do Senai, Adercy Maruoka, 58, engenheiro civil, disse que nos 60 anos de atividade dedicada à profissionalização a proposta de incluir os índios nos programas foi amadurecida entre os dirigentes do órgão e lideranças indígenas. "É uma proposta de duas vias", afirmou ele, explicando que entre as cláusulas

mais importantes destaca-se a que prevê formação de multiplicadores em capacitação didático-pedagógica nas áreas em que o Senai atua, priorizando as necessidades das comunidades indígenas do Estado. "Alguns sairão daqui com formação de professores para reproduzir o que aprenderam", observa. Após os cursos o órgão se propõe a dar assistência aos novos docentes, acompanhando-os nas atividades que exercerão nas aldeias e comunidades.

O Senai não tinha um pacote pronto de cursos a ser oferecido. Nas reuniões, segundo Maruoka, os índios apresentaram as áreas de necessidade imediata, que era informática, eletrônica, telefonia e mecânica. "Algumas comunidades têm sistema de telefonia mas quando há problema técnico ninguém sabe consertar e elas ficam dias, semanas ou meses com o equipamento parado", exemplificou.

Para o diretor do órgão, o programa "Senai Solidário" dá um passo importante para atender ao artigo da Constituição Brasileira que prevê o direito ao acesso à educação profissionalizante a todo cidadão brasileiro, onde



REPASSO Osman (segundo à direita), com Adercy Maruoka, vai investir o que aprendeu em favor de seu povo

ele estiver. O coordenador da Coiab, o tucano Domingos Barreto, 34, membro da comissão que

dirige a entidade, atribui a parceria a evolução do movimento indígena. "Há uma caminhada

em busca da profissionalização que, no futuro, terá que ser ampliada para outras áreas."

CONHECIMENTO

'Arma' para boa revolução

Desde que começaram a ir para a escola os índios foram obrigados a aprender uma cultura diversa e a negar a própria identidade, diz, em tom de crítica, Osman Alfredo Félix Bastos, 30, ticuna de Benjamin Constant (a 1.116 quilômetros de Manaus). Hoje a realidade aponta para outra direção. "Os índios querem uma escola que ensine não só as disciplinas dos cursos fundamentais, mas também de cursos técnicos", afirma ele, dizendo que a palavra qualificação é a ordem do dia.

O tom de altivez não é disfarçado pelo ticuna, também aluno do curso de Administração na Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Ele, que foi impedido de registrar-se com o nome na língua ticuna, pretende voltar à comunidade Filadélfia, no Alto Solimões, no próximo ano, para colocar em prática o aprendizado adquirido entre os "brancos". "É muita responsabilidade, mas vou investir tudo o que aprendi em favor do meu povo", assegura Osman, querendo ser a peça forte de uma engrenagem que está sendo montada para movimentar a vida na comunidade.

O estudante não encontrou grandes dificuldades no trato com o computador. Nem poderia. "Nós trabalhamos muito com as mãos na terra, temos habilidades", compara ele que, com essa formação, quer ser como um terçado, útil para o meu povo". Ao citar o instrumento, comum nas aldeias pela grande utilidade na agricultura, o estudante faz a comparação. "Nós precisamos de alternativas econômicas para desenvolver a produção agrícola e só com aprendizado vamos conseguir."

Ex-coordenador do Movimento dos Estudantes Indígenas do Amazonas (Meiam), Osman viveu a experiência dura de chegar à capital do Estado, há cinco anos, sem saber falar direito a língua portuguesa e sofrendo todo tipo de preconceito por conta da origem étnica. Hoje, na sala de aula do Senai, sente-se motivado a concluir o curso de informática e iniciar outros cursos oferecidos pelo órgão porque sabe que será espelho na comunidade Filadélfia. "Vou ser exemplo para outros jovens e vamos ampliar esta rede de formação dos jovens", afirma, cheio de boas expectativas.

Entrar no "mundo dos brancos" pela escola foi o caminho encontrado por Osman para oferecer à comunidade condições de ver novos horizontes. Para ele, os índios, donos originais da terra, devem aprender a tirar da floresta a riqueza oferecida sem depreciá-la. E isso só será possível a partir da palavra que vira, mesmo sem a permissão do dicionário, sinônimo de boa revolução: conhecimento.

Elas marcam presença em cursos

As mulheres também marcam presença nos cursos de formação profissional do Senai. Débora Urutão, 24, de Rondônia, estuda informática enquanto Alcemira Félix Bastos, 27, ticuna da comunidade Filadélfia, já concluiu o curso e, agora, faz o de técnica em operação de microcomputador. "Estou gostando muito", diz Alcemira, admitindo encontrar alguma dificuldade em aprender a função dos fios e cabos do equipamento.

Débora estuda administração na Ufam desde 1999 e é a primeira mulher da aldeia do rio Pacas Novas a ter acesso ao curso profissionalizante, oportunidade destacada como fundamental. "A partir do que estou aprendendo aqui vou poder contribuir mais com meu povo e com as entidades que trabalham com a organização do movimento indígena", afirma, contando que em Rondônia há carência de profissionais - sobretudo índios - com conhecimentos técnicos.

A possibilidade de ser parte importante da obra em construção, Débora reforça a cada dia de aula. "Tenho que voltar porque meu povo me espera. Porque este é um compromisso moral meu. Minhas conquistas serão de todos os que estão lá."

Alcemira Bastos também tem planos de estudar para voltar à aldeia e colocar seu tijolo na construção de dias melhores. Ela ainda não garante eficiência de 100% no uso da informática, mas admite que isso é uma questão de tempo. Na comunidade onde vive tem computador e quando voltar, em data ainda não definida porque quer fazer um curso universitário, já terá habilidade suficiente nas duas áreas, aposta.

TIMIDEZ

A professora de informática básica, Ivana do Nascimento, 24, explica que o curso, com duração de 22 dias, tem um total de 90 horas. "Os alunos recebem noções de como trabalhar nos programas Word, Excell e Win-



INFORMÁTICA Débora é a primeira mulher da aldeia do rio Pacas Novas a fazer o curso

docs". No início das aulas a timidez marcava a atitude dos estudantes, mas depois eles acabavam, como disse ela, "perdendo o medo da máquina".

O professor de Alcemira, Ilmar Duarte dos Reis, 42, não vê diferença entre lecionar para "brancos" ou índios. Diz que os estudantes índios são dedicados e fazem questão de aprender todo o programa do curso. "É uma oportunidade que estão aproveitando", afirmou. Professor de PABX e eletrônica, Francisco Filho, observa que os alunos serão capacitados a instalar e operacionalizar as ligações telefônicas a partir da instalação das linhas pela empresa telefônica. "Eles vão conseguir se comunicar de forma rápida, utilizando esse aprendizado", explica.



ALCEMIRA Planeja estudar e colocar em prática na aldeia o que aprendeu

PRIMEIRO PASSO

Apostando num futuro melhor

Trabalhar no serviço de telefonia da comunidade Filadélfia, em Benjamin Constant, é o desejo do índio ticuna Aldenor Basque Félix, 26, que faz o curso de PABX no Senai. Para ele, que cursa o ensino médio em Manaus e quer fazer administração pública na universidade, aprender a função de cada fio telefônico é o primeiro passo de muitos que poderão vir. "Estou aqui na cidade tendo uma oportunidade mais que especial e não posso voltar para a aldeia com as mãos vazias."

Aldenor conta que deixar Filadélfia para estudar na cidade foi uma decisão difícil e a tentação de permanecer na cidade está presente a todo instante, mas a família, que não significa apenas os parentes de sangue, o espera. "Tenho que voltar para mostrar aos mais jovens que é possível garantir um espaço melhor para nosso povo. E este espaço melhor deve ser construído em nossos lugares de origem", observa.

Francisco Otaviano Feliciano, 23, também ticuna de Benjamin Constant, elogia a parceria entre a Coiab e o Senai, explicando a utilidade do curso de telefonia. No início, segundo ele, houve medo pela novidade dos fios e cabos, cada um com sua utilidade diversa. "Agora sinto mais tranquilidade", afirma. Outro que aposta no aprendizado técnico para ajudar o seu povo é o ticuna Onésimo Roque Eleutério, do Município de Santo Antônio do Itá (a 888 quilômetros de Manaus), da comunidade Vila Betânia. Há dois anos em Manaus Onésimo pretende entrar na universidade e, enquanto não passa no vestibular, vai aproveitar os cursos técnicos do Senai para se profissionalizar. "O que estou aprendendo agora vai me ajudar a conseguir emprego. Assim poderei manter, pagando despesas e investindo num futuro que não posso saber como será, mas no qual tenho muita esperança."